

«UM LONGO ABRAÇO ACROSS THE WATER, COMO DIZEM OS AMERICANOS»: RESSONÂNCIAS ANGLO-AMERICANAS EM EÇA DE QUEIROZ¹

Falar das ressonâncias da cultura inglesa ou anglo-americana num autor como Eça de Queiroz é um desafio que nos coloca, logo de imediato, perante um manancial de obras, personagens, locais e atitudes, uma correspondência rica e muito diversificada, bem como uma vida, como a de Eça, que abunda em contradições, pautada pela alternância de sentimentos opostos vividos em locais que, por vezes, em nada pareciam inspirar o autor. Por exemplo, se é um facto que durante a sua estada em Cuba pouco ou nada escreve, é também aí que se agudiza o saudosismo de um Portugal perante o qual, até então, se afirmou extremamente crítico. Aventuro-me a destacar Nova Iorque como um local que se revelou inspirador, Newcastle como um ponto de particular recolhimento e Bristol como a cidade onde Eça deu corpo a *Os Maias*.

Tornar-se-ia muito mais linear invocar a influência francesa em Eça – de facto, tanto na sua obra como na correspondência abundam referências a Flaubert, Zola e Balzac, aos hábitos e costumes da vida parisiense de então e expressões ou palavras francesas que teimam em intercalar a sua prosa. Aliás, por exemplo, numa carta a Oliveira Martins, datada de 10 de Maio de 1884, Eça aborda a influência da França na literatura nacional da seguinte forma:

A tua carta de *Viriato* é, além do que diz de mim, excelente em todos os pontos. A nossa arte e a nossa literatura vêm-nos feitas de França, pelo paquete, e custam-nos caríssimo com os direitos de alfândega. Eu mesmo não mereço ser exceptuado da legião melancólica e servil dos imitadores.

¹ Texto da comunicação apresentada ao I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses. Organizado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 6-8 de Maio de 2001.

Os meus romances, no fundo, são franceses, como eu sou, em quase tudo, um francês, excepto num certo fundo sincero de tristeza lírica que é uma característica portuguesa, num gosto depravado pelo fadinho e no justo amor do bacalhau de cebolada.²

Não podemos ficar de modo algum imunes nem a esta nem a qualquer outra confissão na qual o autor exalte a influência da cultura francesa – tentaremos contudo percorrer alguns dos muitos ecos que a cultura anglo-americana teve na sua vida e obra. Enquanto cônsul, jornalista, romancista ou simplesmente homem apaixonado Eça revelou-se sempre muito sensível à presença britânica no mundo, deixando sinais que, pela sua própria multiplicidade, se tornam difíceis de seleccionar.

De todas as referências indicadoras desta sensibilidade de Eça ao mundo anglo-americano permitimo-nos começar pela sua eventual faceta como tradutor. Neste âmbito está a polémica que envolve a tradução de *King Solomon's Mines* de Rider Haggard. Atentemos para tal à seguinte carta dirigida pelo autor a Silva Gaio a 16 de Outubro de 1889:

Em aditamento à carta que lhe escrevi esta manhã, sobre o caso das minhas iniciais assinando as «Minas» – reflecti, e parece-me que o desmentido, tal como lho indiquei, vai confuso, e pode dar lugar a uma interpretação errada.

Aqui está como deve ser redigido:

«Minas de Salomão»

«Foi por um equívoco que a tradução deste admirável romance de Rider Haggard, que tem causado sensação na Revista de Portugal – veio assinado com as iniciais – E.Q. – que pareciam ser as do Sr. Eça de Queiróz. O director da Revista apenas reviu a tradução. Não é o autor dela. O equívoco proveio de terem na tipografia da Revista reconhecido nas leves correcções literárias, a letra do Sr. Eça de Queiróz, de ter sido o original remetido por ele. A tradução, aliás excelente, é feita em Inglaterra. Deve ser isto pouco mais ou menos.³

Sendo verdade que esta é uma segunda carta relativa ao mesmo assunto, será talvez de concluir que Eça dava alguma importância a esta contestação cujo efeito

² QUEIRÓS, Eça - *Correspondência*, org. G. De Castilho, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983, vol. I, p. 225.

³ *Idem*, vol. I, p. 637.

deveria ser o de desmentir, sem qualquer interpretação errada, que o autor teria traduzido as *Minas* sob um pseudónimo. Segundo André Crabbé Rocha, muitas das cartas de Eça revelam-se fantasistas, ou mesmo inventadas, pelo que não seria de todo surpreendente que Eça tivesse inventado esta pessoa a traduzir as *Minas* em Inglaterra, porque lhe convinha ocultar o facto de ser ele próprio o tradutor. No seu artigo inserido no *Dicionário de Eça de Queiróz*, a autora refere que após o estudo dos esboços originais das cartas enviadas pelo romancista se pode deduzir que Eça não reformulava só os seus romances mas também a sua correspondência, emendando-a uma e outra vez, vezes sucessivas até obter um resultado que considerasse satisfatório.⁴ Para além do facto de a própria carta endereçada por Eça a Silva Gaio, datada do dia 6 desse mesmo mês, corroborar esta linha de pensamento («Não diga, nem particularmente, que eu sou o autor. Assino João Gomes»), A Campos de Matos, no artigo *Eça Dissimulador*, dá-nos conta de algumas características da personalidade de Eça que se adequam a estas possibilidades.⁵ Sabemos também que, na qualidade de director do jornal *Distrito de Évora*, Eça utilizava vários disfarces que assinavam os inúmeros artigos nos quais ele próprio abordava assuntos políticos: anagramas, (A Z. últimas letras de «Eça» e «Queiróz») e iniciais avulsas. A análise da correspondência do autor referente a este período leva-nos também a concluir que ele se deparava muitas vezes com escassez de material para publicar. Via-se assim obrigado a escrever artigos recorrendo a pseudónimos provavelmente para não dar a entender que havia falta de colaboradores:

Não sei como havemos de suprir a escassez literária. Não é culpa senão do país, onde o culto da pura literatura tende talvez a extinguir-se pela invasão crescente dos cuidados materiais.⁶

Independentemente desta questão, que nos conduziria certamente muito longe, são vários os autores a considerar que Eça não foi efectivamente o tradutor das *Minas*, baseando a sua convicção no facto de considerarem o escritor possuidor de rudimentares conhecimentos de inglês. Tal é o caso de Gondim da Fonseca, João Gaspar Simões e do próprio Jaime Batalha Reis, o grande amigo de Eça que, na introdução às *Prosas Bárbaras* afirma: «Exerceu-se no mesmo sentido a influência das obras de Edgar Allan Poe, que Eça de Queiróz – ainda então ignorante

⁴ MATOS, A Campos (org) - *Dicionário de Eça de Queiróz*, Lisboa, Caminho, 1988, p.236.

⁵ *Correspondência*, vol.I, p. 632 ; *Dicionário de Eça de Queiróz*, p. 202.

⁶ *Correspondência*, 2º vol. pp.179-80.

do inglês – só conhecia pelas traduções francesas do mesmo Baudelaire»⁷. No entanto, em «A Inglaterra na Obra de Eça de Queiróz», Américo Guerreiro de Sousa refere que, embora seja opinião corrente que Eça não dominava o inglês, nem esta língua constava nos documentos curriculares da Universidade de Coimbra, bastaria uma leitura do *Distrito de Évora* para que fosse possível concluir que já em 1867 Eça lia e traduzia jornais em língua inglesa.⁸ Afirmar ainda que, tanto o *Daily News* como o *New York Times* são referidos como fontes directas das suas informações e comentários e que a obra do autor escrita antes da sua ida para Inglaterra em 1874 tinha numerosas palavras e até frases completas em inglês. O que é facto é que os escritos de Eça (romances, artigos jornalísticos e correspondência) estão ponteados por referências literárias de influência inglesa: Se é verdade que *Os Maias* foram escritos durante a sua estada em Bristol, é também de salientar que já numa carta escrita de Havana para Ramalho Ortigão em 1873, Eça referia o contacto com famílias oriundas de Nova Iorque. Sabemos que lá se deslocou várias vezes, tendo tido uma relação amorosa com duas americanas simultaneamente. A isto voltaremos mais adiante. Para já, consideramos ser lícito deduzir que comunicavam em inglês. É precisamente nessa carta que o autor se despede da seguinte forma: «Um longo abraço *across the water*, como dizem os americanos». ⁹ Noutra carta escrita em Junho desse mesmo ano, novamente a Ramalho Ortigão, Eça relata a sua viagem pelos Estados Unidos. Diz que a *Língua americana* é «revólver, praga e empurrão, algumas palavras de inglês e muita saliva». ¹⁰ Entendemos que, se Eça não fosse capaz de falar ou compreender inglês, nunca poderia fazer um comentário deste teor. Veja-se ainda a opinião de Clóvis Ramalhete:

Transferido para Inglaterra, ele se aplicará ao estudo da língua inglesa e da sua literatura. (...) Passos temperados de humor inglês, de fonte dickenseana. ¹¹

Retomamos a opinião de Américo Guerreiro de Sousa, muito em especial quando afirma que Eça terá aprendido inglês em lições particulares, já que a língua não constava dos *curricula* de Coimbra. Na verdade, ainda na sua juventude, antes

⁷ FONSECA, Gondim da – *Eça de Queiróz: sua vida e obra vistas sob novo aspecto*, Rio de Janeiro: Borsoi, 1970; SIMÕES, João Gaspar – *Vida e Obra de Eça de Queiróz* (Lisboa, Livraria Bertrand, 1980; REIS, Jaime Batalha – Intr., *Prosas Bárbaras de E.Q.* Lisboa, Edições Livros do Brasil, s.d., p.27.

⁸ *Dicionário de Eça de Queiróz*, pp.353-4.

⁹ *Correspondência*, vol.I, p.75.

¹⁰ *Correspondência*, vol. I, p.82.

¹¹ RAMALHETE, Clóvis – *Eça de Queiróz*, São Paulo, Livraria Martins, 1942, pp.126, 128.

sequer de ir para Évora, Eça publica, nas edições de domingo da *Gazeta de Portugal*, folhetins que, apesar de serem exercícios literários de juventude, contêm referências à literatura inglesa, nomeadamente a *Macbeth* de Shakespeare. Para além do gosto pessoal do autor, visível em inúmeras evocações contidas na sua correspondência, das quais apenas poderemos destacar algumas, a sua vida como cônsul permitiu-lhe um contacto mais prolongado com as gentes e/ou o mundo anglo-americano. É pois durante a sua estada em Havana que Eça faz as suas primeiras análises da grande diferença entre a Europa e a América:

Saí da minha atmosfera e vivo inquieto, num ar que não é o meu. Além disso, estou longe da Europa e você sabe (Ramalho Ortigão) quanto profundamente somos europeus, você e eu. Isto aqui – ou pelo seu mau lado espanhol ou pelo seu curioso feitio americano (dos Estados Unidos), é muito diferente daquilo que eu preciso. Eu preciso política, crítica, corrupção literária, humorismo, estilo colorido, palheta;¹²

Eça nunca se adaptou ao calor abrasador de Cuba onde, nas suas palavras, «ficava metido num hotel discutindo sobre câmbios». Assim, a meio da sua estada, conseguiu que o Ministério o autorizasse a gozar umas férias de cinco meses nos EUA onde, como dissemos, virá a envolver-se com duas americanas simultaneamente: Mollie Bidwell, uma menina rica de Pittsburgo e Anna Conover, uma mulher casada de Nova Iorque.¹³ É em especial na correspondência trocada com Anna que podemos encontrar referências à literatura inglesa através das quais esta senhora americana procurava convencer Eça do seu incondicional amor. Adaptando *Othello* de Shakespeare diz: «I must love you wisely, not too well»¹⁴ e, três dias mais tarde, invocando *Endymion* de Keats, afirma: «Pleasure is oft a visitant; but pain clings cruelly to us, like the gnawing sloth on a deer's tender haunches, late and loth it is scared away». A certa altura, após citar *The Oceanic Child Harold's Pilgrimage* de Byron, Anna perguntava: «Conhece alguns dos poemas de Byron? Eles são, todos os poemas são, alimento para o meu espírito e para a minha alma». É pois de todo impensável que, entre Eça e Anna, a literatura e cultura inglesas não fossem um ponto de entendimento comum.

¹² *Correspondência*, vol.1, pp.71-2.

¹³ Ver MATOS, Campos de (org.) - *Cartas de Amor de Anna Conover e Mollie Bidwell para José Maria Eça de Queirós, Cônsul de Portugal em Havana (1873-1874)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.

¹⁴ A citação original é: «of one that lov'd not wisely, but too well».

No verão de 1873 Eça comunicava a Ramalho a sua opinião sobre Nova Iorque:

De Nova Iorque, dir-lhe-ei que é realmente a Nova Iorque da tradição europeia, a grande, a extraordinária, a estrondosa Nova Iorque. Na América, não se tem contudo esse amor de Nova Iorque, porque há na união cidades rivais. Filadélfia é Nova Iorque sem o deboche, (...) Chicago é, a todos os respeitos, melhor do que Nova Iorque (...) Nova Iorque tem, mais do que as outras, o elemento europeu, manifestado por estes factos – *lorettes*, restaurantes, *crêves*, escândalos, agiotagem: É o que a faz superior. De resto, é uma cidade que em parte amo e em parte detesto. (...) Amo-a porque... porque sim, e detesto-a, porque deve ser detestada. O que isto é, você não imagina: a violenta confusão desta cidade, o extraordinário deboche, o horror dos crimes, a desordem moral, a confusão das religiões, o luxo desordenado, a agiotagem febril, a demência dos negócios, os refinamentos do conforto material, os roubos, as ruínas, as paixões, os egoísmos, tudo isto está aqui *chauffé au rouge*. (...) Estou aqui a escrever-lhe e está-me a lembrar com saudade o rolar dos *trams-ways* nas ruas. Querida Nova Iorque! Não, odiada Nova Iorque!

Nomeado para Newcastle, cidade onde produziria *O Crime do Padre Amaro*, Eça escreve a Batalha Reis:

Saberás que Newcastle, onde há perto de cem mil operários, é o centro socialista de Inglaterra. Estou no foco. É desagradável, o foco. (...) ¹⁵

E um mês depois diz a Ramalho:

Depois de um jantar e de uma *soirée* que tive ontem, mediocrementemente divertidos, num *château* das vizinhanças, passei uma noitezinha de insónia e de tosse, que me faz estar hoje de um belo humor de cão de fila. Isto prova-me, melhor do que tudo, querido Ramalho, como eu tenho necessidade de uma pouca de alegria peninsular, bem clara e bem franca, bem luminosa e bem viva. Imagine você uma cidade de tijolo negro, meio afogada em lama, com uma espessa atmosfera de fumo, penetrada

¹⁵ *Correspondência*, vol. I, pág.89.

de um frio húmido, habitada por cento e cinquenta mil operários descontentes, mal pagos e azedados, e por cinquenta mil patrões lúgubres e horripelmente ricos, eis Newcastle-on-Tyne. *On Tyne*, este rabinho que tem o nome da cidade dá-lhe um ar ridículo que me consola.¹⁶

Apesar das críticas que Eça teceu a Newcastle, foi aí, como já referimos, que ele escreveu *O Crime do Padre Amaro*. E, por entre o silêncio, a fuligem e os operários, pontos aos quais Eça parecia circunscrever a Inglaterra, o autor passou a escrever longamente para o Ministério dos Negócios Estrangeiros sobre greves, sensível como estava à crise económica que a cidade atravessava devido à súbita quebra na procura do carvão:

Era usual escrever-se e dizer-se que nestes condados do Norte, as relações entre patrões e operários davam um grande exemplo de harmonia e provavam a lenta democratização dos sentimentos e dos costumes; mas vê-se agora que esta fraternidade era apenas um resultado da prosperidade; (...) Desde que começou a «crise do carvão», todo o esforço dos patrões tem sido diminuir os salários que, sobrecarregando o custo da produção, cerceiam o juro do capital, e isto sem nenhuma consideração pelo bem-estar dos trabalhadores; e, por outro lado, o sentimento dos operários tem sido resistir ao que eles consideram uma indigna exploração do trabalho humano e isto sem de modo nenhum querer reconhecer o *jogo natural das leis económicas*: daqui, estas sucessivas greves que trazem uma perturbação tão profunda a este distrito, onde o carvão é a grande força elementar da indústria.¹⁷

Sempre receptivo à realidade britânica, Eça vai contudo ancorando os seus romances, como ele próprio afirmou, nos grandes mestres da literatura francesa. Em 1877, em resposta a Silva Pinto, Eça reconhece a sua filiação a Balzac e Flaubert, não deixando no entanto de referenciar Dickens:

Ele é [Balzac], com Dickens, certamente o maior criador na arte moderna: mas é necessário não ser ingrato com a influência que tem no realismo,

¹⁶ *Correspondência*, vol. I, pág. 91-2.

¹⁷ FREELAND, A. – (org) *Eça de Queirós: Correspondência Consular*; Lisboa, Cosnos, 1994, pp. 63-7.

Gustave Flaubert. (...) Eu procuro filiar-me nestes dois grandes artistas: Balzac e Flaubert.¹⁸

Para além de *O Crime do Padre Amaro*, foi também em Newcastle que escreveu *O Primo Basílio*. Em Maio de 1877, Eça manda a Chardron os primeiros capítulos e em Setembro os últimos. Escrevendo a Ramalho, o autor refere-se ao livro da seguinte forma:

Já você deve ter recebido *O Primo Basílio*. Como verá, é mediocre. A não ser duas ou três cenas, feitas ultimamente, o resto, escrito há dois anos, é o que os ingleses chamam *rubbish*, isto é, inutilidades desbotadas, dignas de cisco.¹⁹

Ao contrário de Teófilo Braga e de Rodrigues de Freitas, este especialmente fascinado com a originalidade lisboeta do romance, Ramalho não gostou e disse ter ficado escandalizado. A 4 de Março de 1878, Eça responde-lhe:

Alberto diz-me que você corou. Corou, inocente? E não cora então regalando-se do *Assomoir* e da *Curée* e não corou outrora quando leu o *Rafael* de Lamartine, essa infame obscenidade (dois namorados que se não podiam engalfinhar, porque, no momento da luxúria, pode rebentar o aneurisma da senhora) e não cora quando lê Shakespeare?²⁰

Não me atrevo a levantar esferas de influência que estejam para além do mero registo e da constatação das inúmeras referências em Eça. De qualquer forma, independentemente da difícil determinação causa/efeito, o que é facto é que a própria realidade, sobre a qual o autor lançava um olhar perscrutor, constituía um manancial de elementos inspiradores:

A inglesa é uma, vista das litografias de anjos louros ou de amazonas radiosas de Hyde Park, e outra, vista na Inglaterra. O Continente, sobretudo

¹⁸ *Correspondência*, vol. I, pág. 119.

¹⁹ *Correspondência*, vol. I, págs. 128-9. É curioso notar que o livro seria traduzido, ao longo do séc. XIX em várias línguas, o que não aconteceu com nenhuma das suas obras maiores. Ernesto Guerra da Cal faz uma lista do número de traduções das obras de Eça até 1984. *O Primo Basílio* aparece em quarto lugar com 32 versões, após *O Mandarim*, *A Relíquia* e *O Crime do Padre Amaro*. Ver E. Guerra da Cal, «Mensagem», *Eça de Queirós et la Culture de Son Temps*.

²⁰ *Correspondência*, vol. I, págs. 131-2.

o Sul, conhece, pelos romances, pela gravura, pelos versos, pela legenda, uma certa inglesa risonha, pura, loura, casta como a neve, boa amiga, sábia, boa caminhadora, cheia de duches de água fria e de princípios morais: esta é a inglesa de lá. Agora a inglesa de Inglaterra é outra coisa: não faz muita diferença da mulher, tal qual a tem feito, no séc. XIX, a literatura, o romantismo, a música, as modas, a ociosidade, a riqueza, o abuso da domesticidade, a centralização, etc. etc.²¹

Não posso deixar de notar que, durante os anos em que estava a redigir *O Primo Basílio*, Eça dedicou algum do seu tempo ao jornalismo. Com efeito, o autor enviou vários artigos para o Porto onde, de Abril de 1877 a Maio de 1878, seriam publicados no jornal *A Actualidade*. Não há dúvida que, desta sua tarefa como correspondente no estrangeiro saiu o relato, para Portugal, do envolvimento da Inglaterra nos conflitos turcos, do papel de Gladstone, deixando transparecer um certo ódio à Rússia autocrática e aos esquemas imperialistas:

Estamos, parece, nas vésperas da guerra. A Turquia deu ao *ultimatum* da Rússia uma verdadeira resposta turca: verbosa, altiva, teimosa, cheia de espírito de fatalismo muçulmano: recusa tudo; (...) Que a Inglaterra concorreu de certo modo para a guerra, é evidente (...) O que fere o espírito, ao primeiro exame, é que a Grã-Bretanha, pátria do livre-câmbio, é de todos os Estados da Europa, aquele que recebe das suas alfândegas um rendimento mais considerável.²²

Cansado de Newcastle, onde Eça se queixa que não conversa (... neste degedo, faltam-me todas as condições da excitação intelectual. Há um ano que não converso ...), o autor acaba por conseguir ser nomeado para Bristol onde escreveria *Os Maias*. Sensível ao sul de Inglaterra, Eça fala dos seus passeios pelas margens do Severn do seguinte modo:

Caminha-se numa luz ligeira, de um dourado triste, de um enternecimento quase magoado: o verde das relvas sem fim que se pisam, verde repousado e adormecido sob as grandes ramagens das árvores seculares e aristocráticas, solenes, isoladas, imóveis num recolhimento religioso,

²¹ *Correspondência*, vol. 1, págs. 103-4.

²² QUEIRÓS, Eça - *Obras de Eça de Queirós*, 4 vols., Porto, Lello, vol. IV, 1986, pp. 885-997.

leva a alma insensivelmente para alguma coisa de muito alto e de muito puro; há um silêncio de uma extraordinária limpidez, como o que deve haver por sobre as nuvens, um silêncio que não existe na paisagem dos climas quentes, onde o labor incessante das seivas muito forte parece fazer um vago rumorido, um silêncio que pousa no espírito com a influência de uma carícia.²³

No Verão de 1880, Eça começava também a escrever para o periódico brasileiro *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro: para aí transportava mais uma vez a sua percepção da realidade europeia, especialmente britânica e francesa. Curioso será notar o conhecimento que o autor revelava de, por exemplo, o pensamento de Disraeli, também citado, em adaptação em *Os Maias*: «No mundo só há de verdadeiramente interessante Paris e Londres e todo o resto é paisagem».

No outono de 1882, Eça publica «Os Ingleses no Egipto» – com uma enorme lucidez, ele revela o grau de envolvimento do império britânico na falência do Egipto, pós construção do canal, de onde resultaria o bombardeamento de Alexandria e a consequente ocupação do Cairo. Permito-me salientar algumas observações mais curiosas:

Os ingleses possuíam, governavam Alexandria, tão naturalmente como se ela estivesse situada no condado de Yorkshire. (...) O séc. XIX vai findando, e tudo em torno de nós parece monótono e sombrio, porque o mundo se vai tornando inglês (...) Hirtos, escarpados, talhados a pique, como as suas costas do mar, aí vão querer encontrar em toda a parte o que deixaram em Regent Street e esperando Pale-Ale e rosbife no deserto de Petreia; vestindo no alto dos montes sobrecasaca preta ao domingo, em respeito à Igreja Protestante e escandalizados que os indígenas não façam o mesmo; recebendo nos confins do mundo o seu *Times* ou o seu *Standard*, e formando a sua opinião, não pelo que vêem ou ouvem em redor de si, mas pelo artigo escrito em Londres; impelindo sempre os passos para a frente, mas com a alma voltada sempre para trás, para o *home*; abominando tudo o que não é inglês, e pensando que as outras raças só podem ser felizes possuindo as instituições, os hábitos, as maneiras que os fazem a eles felizes na sua ilha do Norte! Estranha gente, para quem é

²³ *Idem*, «O Inverno em Londres», artigo de 3 de Dezembro de 1880., vol. II, s.d., pp. 514-15.

fora de dúvida que ninguém pode ser moral sem ler a Bíblia, ser forte sem jogar críquete e ser gentleman sem ser inglês!²⁴

Coligidos em *Cartas de Inglaterra* estão também um conjunto de 11 artigos onde Eça aborda a questão da arrogância do império britânico perante o mundo. Destaco em especial um, de um conjunto de três, no qual ele analisa as propostas parlamentares de Gladstone relativas à Irlanda:

Quem não conhece as queixas seculares da Irlanda, da Verde Eire, terra de bardos e terra de santos, onde uma plebe conquistada, resto nobre da raça céltica, esmagado por um feudalismo agrário, vivendo em buracos como os servos góticos, vai desesperadamente disputando à urze, à rocha, ao pântano, magras tiras de terra, onde cultiva, em lágrimas, a batata?²⁵

É porque a Irlanda é um país conquistado, e, quando o proletário se queixa, a polícia fila-o pela gola; mas em Inglaterra, quando o operário inglês ergue a sua voz de leão, a polícia fica imóvel, os duques empalidecem e o edifício monárquico e feudal treme nas suas bases.

Dos outros artigos não posso deixar de destacar um sobre Disraeli onde de facto é bem visível que Eça não gostava nem do homem, nem do político, nem do romancista. Apesar de reconhecer que o seu primeiro romance, *Vivien Gray*, lhe abriu as portas, Eça refere que Disraeli permaneceu sempre um medíocre. Aponta pois Tennyson, Browning e Swinburne como os escritores ingleses que mais admirava:

Criar o título de imperatriz das Índias para a rainha de Inglaterra, roubar Chipre, restaurar certas prerrogativas da Coroa, tramar o fiasco do Afeganistão, não constituem decerto títulos para a sua glorificação como reformador social: por outro lado, escrever *Tancredo*, ou *Endimion* não basta para marcar numa literatura, que teve contemporaneamente Dickens, Thackeray e George Eliot.

De facto, durante o longo tempo de gestação de *Os Maias*, Eça tomou contacto

²⁴ Artigos escritos entre 27.9 e 24.10 de 1882, incluídos na colectânea *Cartas de Inglaterra*.

²⁵ Eça aborda a questão irlandesa nos artigos publicados a 19.9.1880, a 9.2.1881 e a 5.4.1881.

com autores ingleses como Dickens, George Eliot, Thackeray, Carlyle. Em Junho de 1888, a obra era posta à venda e, mesmo nos pormenores, é visível o gosto do autor pela Inglaterra: Assim, Afonso da Maia esteve exilado em Inglaterra, onde estudara «a nobre e rica literatura inglesa», o seu neto, Carlos, é educado por um preceptor inglês e a tia Fanny era uma irlandesa que se contrapunha vivamente ao rigor beato da educação portuguesa.

É claro que, apesar destes pontuais pormenores, torna-se muito difícil determinar o grau de influência que a cultura e literatura anglo-americanas têm na obra de Eça. Pela sua correspondência, pelos seus artigos jornalísticos e outros escritos, podemos acompanhar as experiências do autor em domínios britânicos e americanos – é contudo tarefa demasiado complexa circunscrever esferas de influência ou, pelo contrário, saber até que ponto Eça, viajando pelo mundo, isola os seus romances e os faz sempre regressar à realidade portuguesa. Assim, e a mero título de exemplo, a personagem de *A Relíquia*, Teodorico, estando irremediavelmente preso a esta realidade é, também, o viajante que traz do mundo – concretamente da Palestina – o símbolo que o irá afastar da mesquinha e beata educação portuguesa à qual, por interesse, se encontra ligado. Com efeito, por coincidência ou não, a construção da personagem Teodorico é subsequente a uma visita à British Library onde Eça investigou documentos sobre a Jerusalém do séc. I.

Seja pois na construção das figuras humanas ou da realidade de cada romance, seja na observação dos acontecimentos políticos no mundo, Eça revela-se sempre possuidor de um olhar por demais atento à cultura britânica – de entre os inúmeros e possíveis registos, limitámo-nos a seguir apenas algumas direcções desse olhar.

Maria João Pires